

O último suspiro

Fábio Freitas Ferreira

O último suspiro



O último suspiro

Copyright © 2013, Fabio Freitas Ferreira
Todos os direitos são reservados no Brasil



O AUTOR responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo da sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

PoD Editora

Rua do Catete, 90 / 202 • Catete – Rio de Janeiro
Tel. 21 2236-0844 • atendimento@podeditora.com.br
Faça seu pedido pelo site: www.podeditora.com.br

Diagramação e Capa:
Fabio Freitas Ferreira

Revisão:
Sérgio Renato

Impressão e Acabamento:
Control C – Impressos sob Demanda

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização do autor.

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

F441u

Ferreira, Fabio Freitas

O último suspiro/ Fabio Freitas Ferreira. 1. ed. – Rio de Janeiro :
PoD Editora, 2013.

120 p. ; 21 cm.

ISBN : 978-85-8225-028-0

1. Ficção brasileira. I. Título.

13-06979
08/11/2013

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3
11/11/2013

Dedico este livro aos meus familiares e amigos de infância que viveram comigo nos primeiros quinze anos de vida no Boaçu. Nós crescemos numa época de ouro onde podíamos brincar na rua sem a paranoia de que alguma coisa iria acontecer.

Agradeço a minha Fernandinha pela primeira leitura e colaboração deste livro. Também ao amigo Sérgio Renato pela revisão.

"É possível repousar sobre qualquer dor de qualquer desventura, menos sobre o arrependimento. No arrependimento não há descanso nem paz, e por isso é a maior ou a mais amarga de todas as desgraças."

Giacomo Leopardi

Prólogo

São dez horas da manhã. O tempo está nublado e ameaçando pancadas de chuva. O trânsito está lento, sendo necessária a ajuda da Guarda Municipal para organizá-lo. Quatro faixas foram reduzidas para três, pois um delas está completamente tomada pela enorme quantidade de pessoas presentes.

Havia em torno de quatrocentas pessoas. Elas se apertavam nas pequenas salas que cabiam em torno de trinta pessoas cada. No corredor também quase não era possível se mover. Então a Guarda Municipal foi chamada e isolou uma faixa da rua. Não era para menos, pois após a carnificina ocorrida duas noites anteriores, o resultado só podia ter sido este. Oito pessoas estão sendo veladas no cemitério de São Miguel.

Este cemitério foi construído para enterrar as vítimas do incêndio que ocorreu no Gran Circus Norte-Americano, em Niterói, em 1961. Foram mais de quinhentos mortos dos quais setenta por cento eram crianças. Os cemitérios da época não

deram conta de tantos corpos.

Acima do cemitério há um antigo casarão, o Palacete do Mimi. Ele foi construído no início do século XX e já foi visitado por ilustres personalidades como Di Cavalcanti, Irineu Marinho, Oswald de Andrade, Mario de Andrade, Villa Lobos e Tarsila do Amaral.

Entre os corpos sendo velados estão João, Clara, Wallace, Soldado, Xavier e mais três pessoas. Pedrão e Minhoca ainda continuam no necrotério pois, apesar de terem sido identificados, não apareceu nenhum parente para reclamar os corpos, e provavelmente serão enterrados como indigentes. O corpo de João foi reconhecido por sua tia, e os demais por seus familiares. O mais doloroso de assistir foi para liberar o corpo de Clara. A sua mãe, depois de ter chorado muito e até desmaiado, foi reconhecer o corpo e prepará-lo para o enterro. Ela colocou o vestido que Clara mais gostava de usar. Parecia um anjo quando o vestia. Depois de se despedir de sua filha, ela olha ao seu redor. Não havia ninguém além dos corpos de pessoas conhecidas. Ela beijou o rosto de Clara mais uma vez e o entregou ao agente funerário para fazer a remoção até a capela. Aos poucos, os outros corpos foram seguindo o mesmo destino e ocupando todas as salas da capela.

A funerária fica em frente ao cemitério, no

outro lado da rua. Assim, foi necessário todo um esquema de trânsito para o velório. A cidade foi toda prejudicada, pois o bairro de São Miguel fica entre o Rodo de São Gonçalo e Alcântara, que é outro centro comercial de São Gonçalo. Todos que moram no segundo e terceiro distritos precisam passar por Alcântara para chegar ao Rodo. O fluxo de veículos que passam por São Miguel é enorme. Assim, a cidade estava praticamente parada. Aqueles que conhecem as vias auxiliares conseguem fugir e chegar mais rápido em seus destinos, mas aqueles que não conhecem essas vias ou que têm que fazer este percurso vão esperar muito tempo.

O corpo de Clara estava sendo velado na última sala da capela, e a maior parte das pessoas presentes estava ali por ela. Os seus parentes, vizinhos, amigos, e muitas pessoas que frequentavam a igreja Nossa Senhora do Pilar, inclusive boa parte dos pais dos seus alunos do catecismo. Obviamente que muitas dessas pessoas também conhecem pelo menos umas das outras sete pessoas que estão sendo veladas, fazendo com que a movimentação entre os velórios seja grande. Também estava presente o pároco da igreja. Apesar de ter sido chamado pela família de Clara, ele foi visitar e velar todos os corpos presentes. Alguns

ele conhecia. As famílias das outras pessoas também ocupam os espaços. Os familiares mais próximos sempre estão em volta dos caixões, com algumas exceções. Era comum ver pessoas desmaiando, principalmente as mais idosas pois, além do clamor da situação, estava muito quente neste dia.

O único funeral que não tinha muitos familiares era o de João. Estavam apenas a sua tia, Alba, seu primo, Charles, e os seus irmãos, José e Joana, que ficaram sabendo de sua morte após um telefonema de sua tia. Imediatamente eles pegaram um ônibus da viação 1001 em Euclidelândia e seguiram até a rodoviária sul, em Nova Friburgo. São aproximadamente duas horas e vinte minutos de viagem. Depois embarcaram em outro ônibus, também da viação 1001, seguiram para Alcântara como destino. São mais duas horas e dez minutos dentro de um ônibus. Chegando a Alcântara, eles desceram no viaduto e caminharam até a praça Carlos Gianelli, que atualmente dá lugar a um shopping que está sendo construído no local, em que fica o ponto final do ônibus 408, da viação ABC. Do outro lado da rua fica a igreja São Pedro de Alcântara. Eles embarcaram no ônibus e seguiram diretamente para o cemitério de São Miguel, onde se encontrava a sua tia, em pé na porta

de entrada, esperando por eles.

Apesar de João ter poucos familiares, o seu funeral tinha tanta gente quanto os outros. Ele era bandido de renome, era justo, mas sanguinário. Todos que foram aos outros funerais queriam vê-lo. As pessoas entravam e saíam o tempo todo do seu velório. Os seus irmãos ficaram um bom tempo ao seu lado. Apesar da distância, eles tiveram ótimos momentos na vida. Agora eram somente eles dois. Primeiro foi o seu pai, após vários anos a sua mãe, e agora o seu irmão. Como sempre digo, no final, quase sempre, sobra quase ninguém.

Depois de um tempo eles sentam ao lado de sua tia e do seu primo. As pessoas entram, param ao lado caixão, olham para João, algumas rezam por ele, e depois saem.

O padre reza uma missa de corpo presente para Clara. Os seus pais se emocionam muito. Mesmo com todo o apoio que recebem, foi a filha deles que morreu. Depois de tentar passar um pouco de conforto a esta família, ele vai de velório em velório. Sempre encomendando a alma dos mortos, e tentando levar um pouco de paz aos familiares. Por último ele foi ao velório de João. Olhou para ele e lembrou de tudo que ocorreu naquela noite durante a missa. Em sua mente veio a imagem de João todo ensanguentado pedindo

perdão, caindo e morrendo. Ele fica ao seu lado, rezando, com as suas mãos sobre as dele, por um tempo muito maior do que os outros.

Após sair da capela onde se encontra o corpo de João, o padre seguiu para o corredor que liga todas as capelas. Pediu a atenção de todos. As pessoas que estão nas capelas viram-se para o padre, e as que estão nas calçadas e rua também. O padre faz uma oração e abençoa a todos ali presentes.

Onze horas da manhã e o primeiro corpo será enterrado. Os familiares se desesperam ao verem o caixão ser fechado. Uma senhora desmaia. Aparenta ser a mãe. O caixão é colocado sobre o carrinho. Quatro familiares seguram-no, dois de cada lado. Eles seguem o coveiro, e as pessoas que estavam velando o corpo, os seguem. Os familiares das outras pessoas mortas se desesperam pois sabem que eles serão os próximos, e que o tempo está acabando. O quinto a ser enterrado é o soldado, e o sexto é Wallace. Chegou a vez de Clara. O padre fala as últimas palavras. Os seus pais tocam sua pele pela última vez e a beijam. Quando o caixão é fechado o sentimento de vazio preenche o coração. A sua mãe cai de joelhos no chão gritando e chamando por seu anjo. O seu pai se agacha agarrando-a por trás, consolando-a. O caixão é

colocado sobre o carrinho. O seu pai e mais três parentes começam a empurrá-lo, seguindo o cozeiro. A sua mãe não está aguentando e fica na capela junto com alguns parentes. O trânsito é parado pela sétima vez para passar um corpo. Só que desta vez a interrupção leva um pouco mais de tempo, pois a quantidade de pessoas seguindo em procissão é bem maior do que as outras vezes.

Faltou apenas enterrar João. Ficaram apenas seus irmãos, sua tia, e o seu primo. Todas as outras pessoas seguiram o seus destinos. Minutos antes de fechar o caixão, Orlando aparece.

— O que você está fazendo aqui? Assassino!
— Fala o primo de João.

— Deixa ela, filho. — A tia de João dá uma pausa de alguns segundos. — Orlando, faça o que você veio fazer e vai embora, por favor.

— Eu só quero me despedir. Estou desde a noite passada no bar da outra rua. Tem uma boa visão de lá. Queria ver Clara, mas sei que não conseguiria. Deixa eu acompanhar o enterro.

— Tudo bem. — Responde José.

Então Orlando fica olhando para o amigo de infância. Ele resmunga algumas coisas que ninguém consegue entender. Em seus pensamentos revive toda a história entre eles dois até o ciúme doentio que sentiu de Clara e João. Seus pensa-

mentos são interrompidos com a chegada do padre. Ele acompanhou o enterro de Clara, mas não podia deixar de acompanhar o enterro de João, o homem que soube pedir perdão no fim.

A tia de João agradece a presença do padre e pede para ele fazer uma oração antes de fechar o caixão. O cortejo segue em direção ao cemitério. Eles fecham o trânsito para atravessar a rua, entram e viram a esquerda. Caminham até chegar a gaveta 236.

Após o coveiro concluir o sepultamento, todos vão embora, exceto Orlando. Ele segue para a cova em que Clara foi enterrada. Pega uma flor de um túmulo que estava no caminho. Quando chega ao destino ele para do lado esquerdo. Coloca a flor na base da lápide, e começa a falar para Clara.

— Meu amor, por quê? Me perdoe. — Fala gaguejando. — Não era para eu ir a sua casa. Eu nunca vou me perdoar, foi tudo culpa minha. Eu te amo muito. — Neste momento, ele já está de joelhos no chão e cabeça baixa, chorando muito.

Após ficar uma hora ao lado da cova lamentando e chorando, Orlando vai embora.